

# A força do sexo frágil

*ONG desenvolve projetos educativos em comunidades carentes, divulgando aspectos ligados à cidadania sob uma ótica feminina*

## Juliana Iooty

**A** pobreza é feminina. E não só devido ao artigo que a precede e lhe determina o gênero. Ao longo das últimas décadas, as mulheres têm se tornado as mais pobres entre os pobres do mundo. Segundo a Organização das Nações Unidas, a mulher representa 51% da população mundial e, apesar de sua jornada diária (na maioria das vezes dupla) representar 70% das horas trabalhadas no mundo, ganha apenas 10% do total de salários em todo o planeta.



Beatriz Cannabrava (foto pequena): vinte anos de experiência com projetos para mulheres de baixa renda

Na tentativa de apoiar as mulheres empobrecidas da América Latina, a Rede de Educação Popular entre Mulheres (Repem), organização não-governamental fundada em 1981 que trabalha em 20 países do continente, vem desenvolvendo há três anos uma campanha denominada "Educar para não discriminar". O objetivo da Rede é realizar um trabalho de educação popular sob uma "ótica de gênero", ou seja, levar a cabo projetos de educação feministas com vistas a desenvolver uma forma de consciência nas mulheres de comunidades carentes que as faça conhecer seus direitos, a importância que têm no mercado de trabalho e na vida em sociedade, seja como mães, trabalhadoras ou chefes de família.

**Projetos educacionais** – A Repem pode ser descrita como uma entidade supranacional. Dividida em cinco regiões administrativas – Cone Sul, Andina, América Central e Caribe, Brasil e México, que são considerados regiões devido à sua dimensão – a entidade tem como presidente a mexicana Eleanora Idacomte. A Rede é composta por ONGs instituídas oficialmente ou grupos de mulheres sem estrutura formal. No Brasil, são 22 instituições filiadas, a maior parte delas no Nordeste.

A educadora popular paulista Beatriz Cannabrava tem mais de 20 anos de experiência em projetos desenvolvidos com populações de baixa renda, particularmente com

mulheres. Beatriz é membro da Rede Mulher – entidade brasileira que esteve entre as fundadoras da Repem – e coordenadora da região Brasil, além de ocupar a vice-presidência da rede latino-americana.

Embora a ideia do programa não seja a de suprir as carências do sistema de educação, seguindo os métodos tradicionais de ensino, a Repem tenta, sempre que possível, inserir-se no contexto do ensino tradicional. Segundo Bia – como é conhecida Beatriz Cannabrava entre os amigos e colaboradores –, a ideia é a de desenvolver projetos de educação não-formal.

Atualmente, a instituição vem desenvolvendo dois projetos na América Latina. Um deles, sobre Mulher e Economia Popular, foi iniciado em 1994 e financiado pela entidade dinamarquesa Kulu. O projeto formou um grupo de trabalho composto por mulheres de ONGs de vários países com experiência em iniciativas de geração de renda. A ideia é sistematizar cada experiência particular para que estas possam servir a outros grupos como metodologia de trabalho. No Brasil, por exemplo, o Centro Josué de Castro, em Pernambuco, participa do grupo de trabalho da Repem em um projeto com as mulheres "pescadeiras" (mulheres que têm por ofício a pescaria e não as mulheres de pescadores).

Uma outra iniciativa, comum a toda a rede, é o chamado Projeto de Liderança. Como parte dele, foi realizado um seminário onde se discutiram as principais características da liderança no movimento de mulheres. Do encontro saíram projetos de alguns países sobre o estudo das lideranças femininas.

**Oficinas** – No Brasil, em 1993, a Repem e a Rede Mulher conseguiram criar várias oficinas do projeto Educar. Uma delas junto ao movimento negro paulista, cuja base principal é a cidade portuária de Santos, abordando a educação discriminadora como geradora de violência. Outra foi realizada com movi-



*Elas se preocupam  
cada vez mais com  
sua qualificação  
profissional e  
reivindicam  
melhoria de  
qualidade de vida*

mentos da cidade de Ribeirão Preto, também em São Paulo, com vários grupos de mulheres. No Nordeste, formou-se uma coordenação de oito entidades de mulheres de Pernambuco, Alagoas e da Paraíba, que estruturaram a campanha Educar para 1994. Um dos principais problemas enfrentados pela Repem no Brasil é o da carência de recursos. "Promover uma campanha sem dinheiro para produzir sequer um cartaz é muito difícil", lamenta Beatriz, acrescentando que no país o trabalho da Repem caminha com lentidão.

Apesar do ritmo dos projetos no Brasil, a educadora afirma que pode reconhecer alguns avanços de conscientização de mulheres ao longo do tempo. Segundo ela, a demanda das mulheres que participavam dos programas da

rede sofreu variações. "Quando começamos o trabalho no Brasil, existia uma necessidade de trabalhar a identidade feminina". A educadora acrescenta que a necessidade de descobrir a própria identidade foi seguida pela discussão em torno dos direitos da mulher – que coincidiu com o período da elaboração da Constituição brasileira de 1988. De acordo com a especialista, este despertar para os direitos da mulher foi sólido e permanece um ponto muito fértil de discussão e de trabalho.

Uma das áreas programáticas atuais da Rede é a chamada "Direitos da mulher são Direitos Humanos", que inclui vários projetos. A última vertente é a que gira em torno da questão ambiental. Para Beatriz Cannabrava, as mulheres começaram a perceber a estreita relação entre saúde e meio ambiente, vinculando a questão ambiental à luta pela melhoria da qualidade de vida. "Assim como reivindicações por creches e postos de saúde, a defesa do meio ambiente passou a ser uma exigência das mulheres".

**Qualificação profissional** – Mas nos últimos anos, com o agravamento da crise econômica, a geração de renda e o mercado de trabalho passaram a ser temas cuja abordagem tornou-se urgente nos grupos de trabalho. De acordo com Beatriz Cannabrava, as mulheres preocupam-se cada vez mais com sua

qualificação profissional. Dentre os projetos assessorados pela Repem estão os de padarias e hortas comunitárias e de oficinas de costura.

No que diz respeito à qualificação da mão-de-obra, a entidade desenvolve cursos, como o de computação, com o objetivo de formar monitoras que trabalharão posteriormente nos centros comunitários dos bairros, ensinando aos jovens a operar computadores. De certa forma, segundo Beatriz, a carência de recursos é suprida nas comunidades através da contribuição voluntária de centros, associações e até mesmo de paróquias locais. "Um cede o espaço, outros se cotizam para pagar a luz e outro doa o computador velho", conta.

Além da experiência como coordenadora regional da Repem, a educadora paulista participa também da entidade Rede Mulher, sediada em São Paulo e à qual são filiadas dezenas de instituições de apoio à mulher em todo o país. Em 1988, a Rede Mulher participou, juntamente com 75 outras entidades de todo o Brasil, da elaboração e envio de emendas populares à Assembléia Constituinte. Como consequência, passou vários anos trabalhando com os direitos da mulher, o que hoje se transformou em uma linha programática da instituição.

Além disso, a Rede Mulher participa da Campanha Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, coordenada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. A entidade trabalha nos três níveis da campanha: coletando e distribuindo alimentos, gerando empregos através das hortas comunitárias e discutindo a segurança alimentar.

Em julho deste ano, num seminário em Montevideu, capital uruguaia, organizado pelo Conselho Internacional de Educação de Adultos, Beatriz levou a experiência da Rede Mulher junto à campanha da Fome, como forma de minimizar os efeitos da miséria sobre o ser humano, e consequentemente sobre a mulher. Como exemplo, ela cita um cadastramento feito em um bairro pobre da periferia de São Paulo, onde das 36 famílias que se inscreveram para receber as doações mensais de cestas básicas, 20 eram chefiadas por mulheres, entre mães solteiras, viúvas ou mulheres abandonadas pelos maridos. Muitas destas foram chamadas para trabalhar no projeto das hortas comunitárias.